



Pesquisador: *Fabiana Piccinin*

Título: *Os critérios editoriais e a narrativa múltipla do telejornal: Do fluxo ao arquivo*

Período de execução: 2021 a 2023

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Grupo de Pesquisa: GIP Tele (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo/CNPQ)

Resumo

A problemática que embasa este projeto de pesquisa busca entender como se organiza a narrativa do jornalismo de Tv contemporâneo, considerado no conjunto de seus dizeres, agora compreendido desde a Tv aberta, passando à Tv por assinatura, em direção à publicação dos conteúdos na Internet em plataformas de streaming e nas redes sociais. Emerge, nesse processo, o questionamento sobre que tipo de concepção editorial orienta as práticas jornalísticas no audiovisual, na medida em que os conteúdos passam a ser produzidos no âmbito da convergência e da digitalização, desde o formato tradicional – telejornal inserido no fluxo axiomático de programação, estruturado em blocos em horário fixo para Tv aberta ou por assinatura – consorciado também aos conteúdos produzidos para publicação na web, aqui entendida como os portais, as redes sociais e as plataformas de streaming, organizados sob a forma de arquivos. Neste caso, a pergunta vai na direção de entender, que narrativa resulta desse conjunto de conteúdos que passa a compor a produção audiovisual produzida para o jornalismo expandido ou transmídia (CANAVILHAS: 2013) ou contextualizado (PAVLIK: 2008). E que precisa ser pensado ainda, nesse planejamento, também um certo protagonismo emergente das audiências, a partir das possibilidades interativas ofertadas pelos processos convergentes e digitais. Há agora uma audiência que pode, portanto, na fruição dos conteúdos, romper com horários e formas de consumo consagradas até então pelo telejornal da Tv aberta (há pelo menos 70 anos), que vão determinando quando, como e onde acessar as notícias disponibilizadas por telas. E que interfere também nas práticas de planejamento e de edição da cobertura jornalística para telas, bem como na linguagem adotada, resultando em transformações nas formas de narrar a notícia, agora pensada também a partir dos recursos de áudio, vídeo, hipertexto, infografia e para o consumo mediante novos níveis de interatividade, bem como em dispositivos móveis. Essas mudanças vem ganhando intensidade e velocidade agora, particularmente porque são movidas pelas novas demandas organizacionais, que não suportam mais o trabalho sob hierarquias rígidas e axiomáticas do mundo moderno, de forma que buscam articular-se a partir das conexões rizomáticas, descentralizadas e horizontalizadas (CASTELLS: 2000). Numa dinâmica, inclusive que reconfigura a dicotomia da emissão e recepção ao dar lugar, assim, à emergência de um novo processo comunicacional circulatório, sem início e fim fixo, orientado pela reconfiguração dos lugares das mídias e de suas audiências, pautadas por interações inaugurais dos processos de produção jornalística (BERTOCCHI: 2014). É importante considerar que a narrativa oferecida pelo telejornal tem grande impacto e interferência como instituição de referência do que de mais importante acontece todos os dias.



No Brasil, a história e consolidação da Tv e do telejornal se confundem, na medida em que toda emissora tem na sua grade desde o seu início até o contemporâneo, pelo menos um programa de notícias, promovendo, segundo Becker (2014), esse lugar e essa posição estratégica, como fonte legítima e credível e a partir do qual os quais os indivíduos organizam suas experiências em sociedade. Interfere na constituição da agenda de debate público, pauta as discussões e contribui decisivamente para os rumos dos eventos que fazem parte da cena social e política. Do ponto de vista metodológico, o objeto vai ser estudado a partir de movimentos como a pesquisa exploratória, constituída de um olhar inicial para o telejornal na Tv aberta e seus correlatos conteúdos publicados nas plataformas e redes sociais, a fim de obter os insumos necessários para a construção mais precisa de uma amostra pertinente à investigação. Do mesmo modo, vai se buscar a contextualização necessária do problema, ao dar conta dos conceitos relacionados à transformação midiática contemporânea, em uma perspectiva sócio-tecno-discursiva. Ainda se pode vislumbrar em termos de metas e resultados que a pesquisa possa efetivamente, a partir da observação das práticas profissionais, indicar como e sob que critérios editoriais se articulam os jornalistas e as redações quando publicam seus conteúdos para fluxo de programação e para arquivos. E oportunizar reflexões sobre os novos modus operandi e as novas narrativas que cercam os telejornais, atentando para o estabelecimento de vínculos entre o telejornal e as audiências, no monitoramento dos movimentos em razão da publicação dos conteúdos em espaços interativos.

Palavras-chave

Telejornal, Fluxo, Arquivo, Critérios de Noticiabilidade

Introdução

No âmbito da arquitetura midiática, estudar o telejornal em seu conceito, linguagem e formato, e a narrativa disto resultante, compreende considerar o programa de notícias como integrante da grade de programação de qualquer emissora, desde o seu início até o contemporâneo. Ou seja, o telejornal se confunde, deste modo, com a própria história e consolidação da Tv, na medida em que, como diz Becker (2014), desfruta de posição estratégica, enquanto fonte legítima e credível dos acontecimentos, a partir dos quais os indivíduos organizam suas experiências em sociedade, das mais prosaicas às mais complexas.

Assim, esta pesquisa parte da ideia de que existe uma correlação entre uma determinada configuração sociotécnica (FAUSTO NETO: 2012) das mídias e a anatomia dos seus discursos, em acordo com determinado contexto de seu tempo. Ampara-se para tanto, na perspectiva de Scholes e Kellog (1977, p. 47), que acreditam que “(...) toda época e cultura têm suas formas narrativas”, que



apontam, assim para o fato de que, há formas de narrar uma história, portanto, que influenciam e são influenciadas pela tecnologia midiática e pelas linguagens que lhe são correspondentes. No caso do telejornalismo, observa-se que, a esses 70 anos marcados por distintas fases pelas quais passou a Tv no Brasil, vinculam-se diferentes momentos do jornalismo de televisão, que vem marcados por padrões tecnológicos e por redesenhos interacionais entre as emissoras e seus públicos. Bem como, as linguagens disso decorrentes, que pretendem responder pela adequação e atendimento às necessidades de cada período. Assim, o telejornal buscou, ao longo do tempo, atender em alguma medida, a manutenção do conceito de credibilidade e de contrato, firmado junto ao público amplo e indefinido, identificado, primeiramente pela Tv aberta e seu sistema de transmissão Broadcasting (SOUZA FILHO: 2015).

Depois, com a inserção do Narrowcasting, observa-se o telejornal organizado segundo a oferta de conteúdos especializados e multiplicados, acessados através de pagamento, e permitindo alguma flexibilidade para o público, ainda que operando a partir do conceito tradicional de telejornal. Até a chegada, por fim, do sistema Netcasting, assentado na ideia de operação em rede, convergente e digital, e em novos níveis de interatividade. A partir da rede, tem-se a substituição da grade axiomática e fixa da programação pela ideia de rizoma, alternando a concepção do programa até então visto como integrante de um fluxo de programação, para a lógica de distribuição e consumo dos conteúdos como arquivos.

O sistema Netcasting vem, dessa maneira, promover mudanças bastante radicais nos processos de captação e produção do telejornal, desde suas práticas de produção e edição, até o momento de publicação dos conteúdos, derivadas das possibilidades de digitalização e do processo de convergência tecnológica. Esse momento da televisão vem recebendo nomeações correlatas, como por exemplo, de Scolari (2014), como a hipertelevisão, ou Carlón (2014), que a entende como a televisão expandida, ou ainda ECO (1984) que classifica como a neo televisão em contraposição à paleo Tv. Todas trazem em comum a



ideia de que as alterações são sobretudo, decorrentes da inauguração de uma nova relação de produção e consumo televisivo pautadas pela demanda, inclusive pensada em termos das suas novas possibilidades de interação com o produto/programa.

As implicações incidem em formas também diferenciadas de funcionamento, produção e distribuição do sinal, além de gramáticas especialmente transformadas na relação com as audiências, porque voltadas para a fruição dos conteúdos por arquivos, que redefinem esse consumo, a partir da possibilidade de construir uma ordem de programação, em dia, frequência e maneira que melhor lhe aprouver. E estabelecendo, assim, uma lógica totalmente distinta da prática produtiva até então adotada, ao desafiar o jornalismo de televisão a instituir conteúdos e linguagens dinâmicos, interativos e inovadores.

Desse novo contexto, emerge o que Canavilhas (2013) nomeia como jornalismo transmídia, ou o que Pavlik (2001) entende como jornalismo contextualizado, baseado na dinâmica de co-referência, própria do jornalismo que se midiaticiza e que, assim, disponibiliza seus conteúdos em diversas plataformas. Sob esta perspectiva, é dizer, portanto, que o programa de notícias da televisão, conceituado e reconhecido ao longo de 70 anos, segue constituído de apresentador, dividido em blocos temáticos, por ordem de hierarquia, duração determinada, exibido em alternância a outros gêneros da programação, invariavelmente em Tv aberta e na Tv paga, em dia e hora determinado e pensado a partir de um público ou audiência presumida (VIZEU: 2015).

Enquanto, ao mesmo tempo, esse mesmo programa e seu formato “tradicional”, consorcia a distribuição de alguns conteúdos provenientes do próprio modelo originário, com a publicização na internet, em portais de conteúdo, redes sociais e plataformas de streaming em arquivos de vídeo e áudio, aí associados a texto, fotografia, infográficos, podcasts e hiperlinks. O que requer da concepção de edição do programa, na busca por atender o que publicar e de que forma, estratégias editoriais originais, articuladas por este



conjunto que resultará na narrativa do que passa a ser compreendido como telejornal e as práticas disto decorrentes.

Problemática, Revisão e Discussão

Que critérios editoriais e que narrativa resultam no telejornal que vai do arquivo ao fluxo?

A problemática apresentada aqui vai justamente no sentido de buscar entender como se organiza a narrativa do jornalismo de Tv contemporâneo, considerado no conjunto de seus dizeres, agora compreendido desde a Tv aberta, passando à Tv por assinatura, em direção à publicação dos conteúdos na Internet. Emerge, nesse processo, o questionamento sobre que tipo de concepção editorial passa a ser pensada pelos jornalistas, na medida em que precisam produzir o telejornal de formato tradicional – estruturado em blocos em horário fixo na grade de programação para Tv aberta ou por assinatura – consorciado também para que seus conteúdos sejam publicados na web, aqui entendida como os portais, as redes sociais e as plataformas de streaming.

Neste caso, a pergunta vai na direção de entender, que narrativa resulta do telejornal cujos processos editoriais são pensados para conteúdos que vão ao ar pela televisão para exibição em fluxo de programação aberta ou por assinatura, mas também para serem exibidos sob a forma de arquivos, sob a perspectiva do jornalismo expandido ou transmídia (CANAVILHAS: 2013) ou contextualizado (PAVLIK: 2008), considerando, também, seu consumo interativo, sob definições das audiências a respeito do que ver e como ver. A pergunta que funda o problema parte do princípio de que, essa reconfiguração das práticas produtivas e editoriais, num contexto de produção convergente e que reúne o modelo tradicional do telejornal para Tv aberta, por assinatura e para web, vai promover transformações nas formas do narrar a notícia, agora pensada também a partir dos recursos de áudio, vídeo, hipertexto, infografia e para o consumo mediante novos níveis de interatividade.

Trata-se de uma inquietação resultante da observação empírica dos telejornais em adição a questões originalmente surgidas já por ocasião da tese



de doutorado que, naquela altura, estava voltada a entender o momento de transição das práticas e processos lineares (HARVEY: 2001), a partir das quais a produção midiática estava assentada, pelas dinâmicas fluidas e líquidas, que indicavam impactos importantes, ainda que incipientes, no processo produtivo do telejornal. Essas mudanças, identificadas em seu início, ganham intensidade e velocidade agora, particularmente porque são movidas pelas demandas organizacionais, que não suportam mais o trabalho sob hierarquias rígidas e axiomáticas do mundo moderno, de forma que buscam articular-se a partir das conexões rizomáticas, descentralizadas e horizontalizadas (CASTELLS: 2000). Numa dinâmica, inclusive que reconfigura a dicotomia da emissão e recepção ao dar lugar, assim, à emergência de um novo processo comunicacional circulatório, sem início e fim fixo, orientado pela reconfiguração dos lugares das mídias e de suas audiências, pautadas por interações inaugurais dos processos de produção jornalística (BERTOCCHI: 2014).

Por outras palavras, é dizer que o redesenho promovido pela lógica pós fordista (HARVEY: 2001) vem, assim, permitir a associação de práticas e rotinas, antes tradicionalmente separadas e decompostas em linha de produção, com operações da redação convergentes, incidindo em (...) múltiplas esferas de que hacer periodístico: en las estrategias empresariales, en los cambios tecnológicos, en la elaboración y distribución de contenidos a través de distintas plataformas, en el perfil profesional de los periodistas y en las formas de acceso a los contenidos. (SALAVERRIA, 2010, p.58). Também Pavlik (2008, p. 96) considera que a convergência é “(...) defined in terms of the integration of media in a digital environment and fostered by both technological and economic forces, is exerting profound influence on these relationships, in both subtle and not-so-subtle-fashion.

No caso do jornalismo operado nesta televisão, como diz Pavlik (2008), as novas operações e conteúdos estão assentadas em boa parte nos desafios gerados pela interatividade da mídia digital, entendido como o segundo nível de uso e adaptação a este ambiente e que é “(...) extent to which the content is



designed to utilize the unique qualities of digital media, interactivity (including user-created content), multimedia, and nonlinearity of presentation or storytelling, (...)”. (PAVLIK: 2008, p. 103). São também características próprias, segundo a perspectiva de HEIRINCH, do jornalismo em rede:

Network journalism is the underlying structural concept that refers to the structural organization and the connections not just within one form of journalism (e.g., print or online), but to the emerging connection modes within the whole sphere of journalistic work as such. Digital technology enhances the options of news gathering, changes production modes and impacts news dissemination not only for online media, but for every single journalistic platform that operates within the network society. Within this network society, new connection modes and information flows then influence the structural organization of journalistic outlets just as well as the day-to-day work of gathering, producing and disseminating news within a global network sphere. (HEINRICH, 2011, pág. 61).

Nessa nova forma de fazer jornalismo, o formato do telejornal – entendido como programa de referência para qualquer emissora – e os conteúdos a ele associados em suas expansões, passam a ser vistos na relação que estabelecem com todo entorno do ecossistema midiático. Conforme já sinalizado em trabalhos anteriores (PICCININ & SOSTER: 2012); (PICCININ: 2013) e (PICCININ: 2019):

De esta forma, para el telediario, este universo de la convergencia y de la digitalización va a resultar en una nueva condición al programa, que: 1) deja de ser "solamente" este lugar/programa periodístico de la programación de TV, para ser el lugar de donde estos contenidos se originan para otros soportes y dispositivos comunicacionales como sitios, portales de noticias, redes sociales y así ser ofrecido desde la web en TV smart, tablets, notebooks y ordenadores; 2) nace como contenido digital de portales, sitios de noticias y/o redes sociales. (PICCININ: 2019 (a), p 91).

Como diz CARLÓN (2014), a televisão expandida e o consumo por demanda levam à discussão das transformações operadas em dois momentos. O primeiro referente ao suporte, na medida em que as inovações vão promover



essas novas formas de acesso, que redundam em modos de oferta pioneiros na narrativa dos conteúdos, e o segundo, que diz respeito às práticas e usos sociais, que determinam uma ruptura na própria ideia e concepção da televisão massiva. Ou ainda, como diz Bertocchi (2014), o jornalista vai assumindo esse lugar que já está para além daquele que escreve o texto, porque preocupado com seu design que vai impactar no que chama de camadas narrativas, pautada em boa medida pelas demandas das audiências. São os públicos, portanto, que vão reinventando a relação com a Tv, e nela com o telejornal porque passam a interagir em níveis mais significativos, agora desde o início do trabalho da produção até a exibição, enviando materiais, manifestando-se a respeito do programa e compartilhando e viralizando os conteúdos nos portais, nas redes sociais e nas plataformas 4.0

No que diz respeito ao consumo especificamente, nos distintos locais em que os conteúdos do telejornal são ofertados na web sob a forma de arquivos, o telespectador internauta passa a fruí-los mediante uma lógica de oferta menos diretiva por parte da emissão, já que na navegação, o apresentador não comanda totalmente o trajeto, nem tampouco dia e horário fixo para tal. Esse consumo por arquivos tende a dar mais decisão ao internauta, que pode definir por exemplo, as maneiras de fazê-lo, bem como determinar quantas vezes vê-lo, conforme sua própria demanda. Pode, assim, definir por exemplo, desde uma escalada do telejornal totalmente distinta da original, até novos sentidos aos arquivos vistos, revistos em associação com links, podcasts, infográficos relacionados. De fato, grande parte do impacto das mudanças no processo produtivo e de distribuição dos conteúdos vem das novas possibilidades interativas que a convergência e a digitalização proporcionam, promovendo novas gramáticas e contratos (PICCININ: 2019 (b)) entre o telejornal e as audiências, redefinindo a anatomia de seus conteúdos e, por extensão, exigindo uma nova concepção editorial do jornalismo para telas.

Como dizem Brasil & Frazão (2013), os adeptos da segunda tela, por meio do uso de smartphones, computadores, tablets e notebooks estão

participando desde a produção e até o consumo do telejornal, continuamente, e as práticas produtivas do programa precisam dar conta disso na medida em que devem pensar a construção da edição mediante estas configurações. Neste sentido, a televisão que está, conforme Gradim (2015, pág. 71), “(...) “online, all the time, for everyone”, promovendo a reconfiguração do jornalismo produzido, editado e distribuído para telas (EMERIM: 2017), obrigando por sua vez, a oferta de uma narrativa que se adeque a essas circunstâncias. Também Machado e Veléz referem como estas práticas interacionais passam a ser decisivas para a concepção do programa de notícias para telas, porque desvinculado da grade fixa de programação, interferindo nos modos de produção e edição do programa telejornal, bem como dos conteúdos pensados para a web:

(...) o surgimento no cenário audiovisual de novos protagonistas, os interatores, está forçando mudanças cada vez mais radicais em direção a modelos de conteúdo que possam ser buscados a qualquer momento, em qualquer lugar, fruídos de maneira como cada um quiser e abertos à intervenção ativa dos participantes. Este novo tipo de consumidor/produtor está exigindo experiências midiáticas de uma mobilidade mais fluída, formas de economia mais individualizadas, que permitam a cada um compor suas próprias grades de programas e decidir de maneira particular de como vai interagir com elas. (MACHADO & VELÉZ: 2014, pág. 55 a 56).

Em razão disso, a confecção do telejornal e suas expansões vê-se obrigada a ir transformando práticas e rotinas estabilizadas por mais de meio século na medida que, como diz Correia (2015), a convergência e a portabilidade terminaram com a divisão de fronteira entre Televisão e Internet, ao trazer a televisão on demand para o computador. Os desafios são novos e testam o mundo da produção em instâncias que parecem, da mesma forma, ainda estarem em fases experimentais, indicando a ausência de nortes e diretrizes consolidadas a esse respeito. Como pontua Finger (2018), é interessante observar, no âmbito dessa falta de definições claras sobre o que e como editar o que vai para web, que os provedores onde estão hospedados os conteúdos - muitas vezes inclusive originários do telejornal tradicional - apresentam uma



tendência a replicar os marcadores da programação da Tv aberta, no que diz respeito à agenda de dias da semana e de horários de veiculação, ainda que esta lógica tenha sido rompida, a princípio. Diz a autora:

A primeira reação dos jornalistas foi promover uma retroalimentação entre o que vai ao ar na televisão e o que é divulgado no site correspondente de um programa na web, com a promoção de ambos. As informações não tem mais limite de tempo, podem ser ampliadas e contextualizadas. O telejornal, de alguma forma, permanece “no ar” depois do seu encerramento na grade de programação. (FINGER: 2018).

Estas circunstâncias indicam, a partir de um olhar exploratório, que há três tipos de conteúdos nos portais, nas redes sociais e nas plataformas 4.0 provenientes do telejornal da Tv aberta e por assinatura. Primeiro, os conteúdos que, ao serem disponibilizados, ainda que sem a presença do apresentador, preservam seu formato original, depois, e em menor recorrência, produções reconstruídas a partir da versão tradicional primeira e, por fim, as produções totalmente novas, as bem menos frequentes.

Há que considerar que, além das mudanças advindas dos novos protocolos interativos e da lógica da demanda, o telejornal e seus conteúdos disponibilizados na Internet precisam levar em conta em termos de linguagem e das próprias formas de acesso, as características da ambiência web como por exemplo, a mobilidade, a portabilidade, a multimídia, a instantaneidade e o processo circulatório, agora endless. As três primeiras vão exigir que os conteúdos passem a ser pensados para consumo também em telas pequenas e em dispositivos móveis, de maneira que a produção tende para não eleição de longos passeios de câmera ou composição fotográfica detalhada em planos gerais, por exemplo. O mais coerente seria pensar em imagens estáticas e em closes fechados.

Além disso, é preciso que os arquivos tenham curta duração, em razão da demanda de sinal de internet para sua fruição. A exceção fica para as longas reportagens - longforms - e ou com o uso de recursos imersivos, que como se



disse, não são regra e tendem a ser adotadas em coberturas excepcionais porque estabelecem uma relação complicada com um consumo em telas portáteis e ou móveis em notebooks, tablets e smartphones. Com relação aos recursos multimídias, também neste caso, o planejamento de captação e da edição deve considerar os conteúdos desde uma perspectiva que possa explorar áudio, vídeo, hipertexto, podcasts, fotos, infográficos, etc.

Já a instantaneidade diz respeito à mudança trazida pelo fim do limite de “espaço” ou tempo para publicação, bem como o rompimento com horário fixo de publicação, o deadline convencional, em acordo com o modelo da Shell Newsroom, apresentado por Bertocchi (2014). Na redação em concha, que prevê a apresentação dos conteúdos a partir da lógica “non-stop”, como diz a autora, ou seja, de atualização contínua porque, sem deadline rigidamente fixado, os conteúdos seriam atualizados inclusive pela dinâmica de consumo e de colaboração dos usuários. Esse processo é afetado também pela ideia da circulação, em que emissores e receptores são receptores e emissores, numa circularidade contínua de produção e de recepção por ambas as instâncias que, já não se encontram mais dicotomicamente separadas, mas que tem seus limites e fronteiras reconfigurados, em razão da midiatização de seus movimentos (BRAGA: 2012). A oferta de sentido é, assim, permanente e baseada na retroalimentação de ambos, de maneira que tanto as audiências se reportam ao mundo da produção, quanto a emissão monitora e acolhe as ofertas dos públicos.

Para Correia o desafio da televisão nômade e multiplataforma será a criatividade nas inovações discursivas, já que:

(...) haverá uma notável mudança de conteúdos que exigem elementos mais atraentes e novas ideias num ambiente não apenas competitivo, mas desafiado por uma nova lógica de públicos e de contextos que exigem novos discursos (...)” (CORREIA: 2015: pág. 49).

As inovações discursivas de que trata o autor alteram, ao fim e ao cabo, na medida em que mexem de maneira muito revolucionária com a oferta e o



consumo, com os próprios critérios de noticiabilidade (WOLF: 1995). Assim, considera-se que, nessa busca do telejornal pela adaptação ao cenário radicalmente transformado do agora jornalismo para telas, compreendido como aquele produzido para Tv aberta e por assinatura, em consórcio com a produção de conteúdos para portais, redes sociais e plataformas streaming, as práticas jornalísticas buscam por experimentação, respostas às tradicionais perguntas que orientam a edição diária de um telejornal e que tratam de “o que publicar” e de “como publicar”.

Ou seja, busca-se compreender em que bases são construídos os critérios editoriais (WOLF: 1995) que definem as pautas e os formatos do telejornal e dos conteúdos para Internet, com vistas ao delineamento de sua arquitetura como diz Bertocchi (2014), considerando seu conjunto de características de produção e de linguagem, além das performances e possibilidades interativas dos públicos. E que narrativa deriva desse conjunto de conteúdos postos para circular nesse ecossistema complexo (BOZZETTO; PICCININ: 2019).

Dito isto, a problemática de pesquisa apresentada, a partir da análise do telejornal e seus correlatos conteúdos em portais, plataformas de streaming e redes sociais, busca propor enquanto recorte empírico, a observação a partir do telejornal Jornal Nacional nas suas diferentes ofertas de conteúdo. Ou seja, vai se buscar olhar para esse conjunto de narrativas, considerando o programa na Tv aberta, no portal G1, na página do telejornal na rede social Facebook e na plataforma de streaming da emissora, a GloboPlay, atentando especialmente para a cobertura da pandemia, gerada pela Covid 19. Apesar das quedas de audiência registradas pelo programa no caso da distribuição em sinal aberto, ao longo dos últimos anos, o Jornal Nacional continua sendo a principal e mais tradicional referência em termos de telejornal no Brasil, tanto pelo tempo de exibição ininterrupta na Tv aberta, desde 1969, quanto pelo alcance do sinal que, desde o início é distribuído em rede nacional, chegando a 98,6% dos municípios brasileiros (GLOBO: 2021).

Durante a pandemia, ao longo de 2020, os grupos de mídia e as



emissoras de televisão especialmente registraram aumentos consideráveis em seus índices de audiência. O Jornal Nacional manteve-se liderando esses números, chegando no início da cobertura a alcançar 38,1 pontos de audiência em março do ano passado e, tornando-se, naquele momento, o programa mais visto da emissora. Esses números foram caindo ao longo do ano, e no mês de janeiro de 2021 a média de audiência do programa chegou a 25,8 pontos. Desde então, vem apresentando um crescimento nesses números que, apesar de discretos, alcançaram a marca de 27,2 pontos, permitindo liderar a audiência em relação aos telejornais das outras redes de Tv aberta.

Do ponto de vista do consumo dos conteúdos a partir e na web, é importante considerar que no Brasil, três em cada quatro brasileiros acessam a internet, o que equivale a 134 milhões de pessoas ou aproximadamente 79% da população (IBGE). No caso da Rede Globo, desde 2019, os conteúdos dos telejornais passaram a ser disponibilizados na plataforma G1, permitindo aos telespectadores assistirem aos vts quando, como e quantas vezes melhor lhe aprouverem, além de permitir também algum nível de interação da audiência na seção comentários e partir do compartilhamento . Da mesma forma, os conteúdos do telejornal são disponibilizados na página do Facebook, onde a atuação dos internautas é mais recorrente com milhares de comentários, visualizações e compartilhamentos e na plataforma de streaming Globoplay, desde que sob pagamento dos serviços.

Na plataforma do YouTube, o Jornal Nacional é disponibilizado como arquivo, mas numa operação que não é promovida pela Tv Globo, e sim por usuários do serviço de streaming que, quando em tempo real, também interagem intensamente, em boa parte comentando os conteúdos exibidos. O progressivo acesso aos conteúdos disponibilizados nas plataformas de streaming e nas redes sociais, como por exemplo aos adeptos das segundas telas, vai impondo a necessária reconfiguração por fim, dos protocolos editoriais adotados na produção e edição do telejornal e no planejamento da formatação dos conteúdos para fluxos e para arquivos.



No caso da cobertura do primeiro ano da pandemia, a partir de um primeiro olhar exploratório, pode-se dizer que uma série de práticas e rotinas foram especialmente adotadas na produção e edição dos telejornais de maneira geral, que se estenderam para as diferentes plataformas através das quais os conteúdos foram disponibilizados. Dado o fato do telejornal ser uma fonte de referência estratégica na oferta de informações para a população em geral, os programas e seus jornalistas, cientes dessa responsabilidade, enfrentaram o necessário e urgente provimento de informações, buscando movimentos rápidos de reconfiguração e adaptação, em face às regras de distanciamento social impostas para conter a propagação do vírus pelo país (PICCININ; BOZZETTO: 2020).

O trabalho remoto, segundo Torrijos (2020) levou, por exemplo, à ênfase na curadoria do trabalho colaborativo, já que as próprias fontes confinadas em suas casas, precisaram se tornar ainda mais acessíveis para enviar, elas próprias, vídeos ou participar de entrevistas e debates à redação. Sobretudo, a pandemia (THOMÉ, PICCININ, REIS: 2020) parece ter catalisado o impacto da interatividade, enquanto expressão da possibilidade de manifestação das audiências em direção à emissão, intervindo em decisões sobre o que publicar e como publicar.

Mais uma vez, portanto, evidencia-se que pensar o telejornal e seu conjunto de narrativas distribuídas em conteúdos para diferentes dispositivos impõe, progressivamente, planejá-lo editorialmente, considerando a participação mais efetiva dos públicos, seja no processo de co-produção nos aplicativos de mensagem instantânea como WhatsApp por exemplo, ou na apropriação dos conteúdos a partir de comentários, visualizações ou compartilhamentos para e nas diferentes plataformas de exibição. No caso do Jornal Nacional, COUTINHO e PEREIRA (2020) atentam para o papel especialmente importante desempenhado pelo programa e sua narrativa por ocasião da cobertura da pandemia, durante o ano de 2020. As autoras evidenciam o lugar de autoridade e poder construídos ao longo dos 50 anos de



existência, tornando o telejornal com mais tempo de exibição de todas as emissoras brasileiras. Constitui-se, assim como um campo de forças simbólicas, portanto, como dizem as autoras, capaz de ditar as condutas dos brasileiros no que diz respeito ao vírus da COVID 19.

Neste sentido, o conjunto das narrativas ofertadas pelo programa nos diferentes suportes vai ganhando importância crescente, de modo que se projeta como objeto de pesquisa vigoroso e estratégico para os fins propostos, no sentido de que se possa buscar responder as seguintes questões:

- que regramentos editoriais podem ser identificados na edição e exibição do telejornal Jornal Nacional em fluxo e em arquivo em termos dos conteúdos ofertados?

- como esses regramentos adotados pelo telejornal impactam nas gramáticas narrativas apresentadas em relação aos conteúdos disponibilizados nos portais de conteúdo, nas redes sociais e nas plataformas streaming, que possam indicar os critérios obedecidos sobre o que publicar e como publicar?

- como se dá a ocupação dos espaços, tempos e possibilidades próprias do jornalismo para telas nos portais, redes sociais e plataformas streaming, mediante os recursos multimídia, de portabilidade, mobilidade, da interatividade, da circulação contínua e do fim do deadline?

Metodologia e Cronograma

Como o prática editorial nesse novo contexto será estudada?

Para dar conta das questões apresentadas no projeto de atividades para ensino, pesquisa e extensão, traça-se aqui um conjunto de procedimentos metodológicos que pretende articular as três dimensões. Do ponto de vista da pesquisa, será necessário acercar-se do objeto a partir de movimentos como a pesquisa exploratória, constituída de um olhar inicial para o telejornal Jornal Nacional e seus correlatos conteúdos publicados nas plataformas e redes sociais, a fim de obter os insumos necessários para a construção mais precisa de uma



amostra pertinente à investigação. Do mesmo modo, vai se proceder a revisão bibliográfica, que pode promover a contextualização necessária do problema, ao dar conta dos conceitos relacionados à transformação midiática contemporânea, em uma perspectiva sócio-tecno-discursiva, conforme apresentado anteriormente.

Neste sentido, será necessário um levantamento investigativo sobre o estado da arte da televisão contemporânea, especialmente nos termos descritos por Souza Filho (2015) como o da Tv Netcasting e ou por Scolari (2014), como o da hipertelevisão, mostrando como essa configuração vai impactando nas novas formas de produzir e exibir o conteúdo audiovisual. Da mesma maneira, deve-se buscar uma investigação que oportunize a reflexão sobre o jornalismo contemporâneo e, nele, o jornalismo para telas, em acordo com a proposição de Emerim (2017) e suas complexificações concernentes à forma, linguagem, narrativa e interações estabelecidas com as audiências.

Para ambas as perspectivas, tanto ao jornalismo quanto à televisão, é certo dizer que a revisão bibliográfica precisa ser considerada desde uma visada dialética, no sentido que as reflexões dali derivadas se encontrarão, reafirmando ou confrontando o objeto empírico porque fenômeno dinâmico e mutante (SILVA & MENEZES: 2005). O encontro, fase em que se dará a análise do fenômeno, portanto, poderá, considerar e constituir “anti teses”, em direção assim ao oferecimento de uma síntese que, como inaugural, ressignifica e corporifica a construção do conhecimento efetivamente. Ou, por outras palavras, o método do conhecimento resultante da analogia por comparação e confronto.

A partir de então, agora já considerando esta consonante à maturação das reflexões oportunizadas pela revisão teórica, parte-se para observação sistemática das edições dos telejornais e suas correspondências em conteúdo na internet. A amostra empírica para a pesquisa poderá ser definida de forma mais específica quando mais próximo do início do projeto, em razão da dinâmica de mudanças e novidades a que está sujeito o jornalismo para telas e em razão das



primeiras impressões surgidas do olhar exploratório inicial.

Com a definição do recorte de observação, em termos de quantas e quais edições do telejornal serão analisadas, vai se bucar a identificação de padrões de repetição para a concepção de categorias a análise. A partir delas, se dará a interpretação do objeto analisado e a indicação que ajudará a entender como são construídos os critérios que determinam os conteúdos a serem publicados no telejornal e os que vão ser distribuídos para internet e redes sociais, encaminhando o trabalho de finalização do programa e publicação do mesmo. A edição dos conteúdos para o telejornal tradicional e a publicação dos conteúdos para web, por sua vez, vão sendo pensados tanto a partir das descobertas trazidas pela pesquisa a esse respeito, quanto em razão das práticas de consumo observadas em razão de um telejornal universitário, bem como de seus temas e pautas definidos a partir do interesse das audiências.

Por fim, levantadas as interpretações, a pesquisa parte em direção à sistematização por meio da análise crítica, dos resultados obtidos em relação ao objeto analisado, buscando responder às perguntas iniciais. Pressupõe-se aqui, portanto que, mediante o levantamento obtido por meio do olhar quanti e qualitativo, possa-se compreender que narrativa resulta dos conteúdos ofertados pelo telejornal e dos conteúdos a ele associados publicados na web. E a que regramentos editoriais esta oferta narrativa responde, quando se observa esse conjunto de informações e a maneira como aparecem distribuídas.

Espera-se aqui a materialização do problema apresentado por ocasião da pesquisa, buscando-se saber como essa narrativa telejornalística a partir da produção do programa de grande reportagem se organiza, bem como as decisões editoriais da distribuição dos conteúdos vai obedecendo, constituindo o guia editorial para o telejornal e para a versão dos conteúdos na web.



ETAPAS	Nov/ Dez 2021	Jan/ Fev 2022	Mar/ Abr 2022	Mai/ Jun 2022	Jul/ Ago 2022	Set/ Out 2022	Nov/ Dez/ 2022
Revisão Bibliográfica	X	X					
Pesquisa Exploratória			X	X			
Definição amostra				X			
Observação empírica				X	X		
Sistematização dados					X	X	
Análise					X	X	
Encaminhamento publicações						X	X
Entrega Relatório Parcial							X

Objetivos, Metas e Resultados

O que alcançar com esta pesquisa?

- que a pesquisa possa efetivamente, a partir da observação das práticas profissionais, indicar como e sob que critérios editoriais se articulam os jornalistas e as redações quando publicam seus conteúdos para fluxo de programação e para arquivos;

- que se possa estabelecer vínculos e estreitá-los com as audiências na medida em que se monitora seus movimentos em razão da publicação dos conteúdos em espaços interativos;

- que os investimentos na produção qualificada de jornalismo contextualizado para telas contribua significativamente para a formação diferenciada dos alunos, bem como a medida do que isso vai demandar em termos de empenho quanto à produção, edição e pós produção;

- que a pesquisa, na sua execução e posterior conclusão leve a outros questionamentos que façam avançar continuamente o conhecimento sobre o



jornalismo para telas, podendo ser corporificados em TCCs e Monografias.

Referências Bibliográficas

BECKER, Beatriz. Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. **E-Compós**, Brasília, v. 17, n. 2, mai-ago, 2014. Disponível em: Televisão e novas mídias: repensando o papel das audiências nos telejornais. <http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/>. Acesso em jan 2021.

BERTOCCHI, D. Dos dados aos formatos: um modelo teórico para o design do sistema narrativo no jornalismo digital. 250 p. **Tese** (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2014). Disponível em São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-21092015122011/publico/DANIELABERTOCCHI.pdf>. Acesso em mar 2021.

BOZZETTO, Vagner; PICCININ, Fabiana. Espécies Bastardas: Hibridismo e Transmidialidade em “Eu Sou Amazônia. In: IRIGARAY, Fernando, GOSCIOLA, Vicente & PIÑERO-OTERO, Teresa(Orgs.). **Dimensões Transmídia**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. 475 p. p. 213-234.

BRAGA, José Luís. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda. (orgs.). Mediação e Mdiatização. Salvador: UFBA: Brasília: **Compós**, 2012., p. 31-51. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>. Acesso em mar 2021.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático, In: **Periodismo Transmedia: miradas múltiplas**, 53-68. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4347/1/jornalismotransmedia.pdf>. Acesso em jan 2020.

CARLÓN, Mario. Repensando os debates anglo-saxões e latino-americanos sobre o “Fim da Televisão”. In: CARLÓN, Mario & FECHINI, Yvana. (orgs.). **O fim da televisão**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014. 134 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617 p. (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; v. 1).

CORREIA, João Carlos. Ubiquidade: a próxima revolução da televisão. In: SERRA, Paulo; SÁ, Sónia & SOUZA FILHO, Washington. **A televisão ubíqua**. Covilhã: LabCom, 2015. 305 p. p. 39-51. Disponível em https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20150529-201507_pserrassawfilho_tvubiqua.pdf. Acesso em set. de 2021.

ECO, Umberto. “Tevê: a transparência perdida”. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealdade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 182-204.



EMERIM, Cárilda. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. **Estudos de Jornalismo e Mídia**. v. 14, n. 2 (2017). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113/35883>. Acesso em Jan 2021.

FAUSTO NETO, Antônio. Narratividades jornalísticas no ambiente de circulação. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Orgs). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p. 45 – 67. 294 p.

FINGER, Cristiane. Telejornalismo em outras telas: os canais de notícias brasileiros no YouTube. **Anais**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2018. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/view/1245/902>. Acesso em mar 2021.

FRAZÃO, Samira Moratti & BRASIL, Antonio. A participação do telespectador na produção da notícia em telejornal: Transformação do processo noticioso e da rotina profissional. **Brazilian Journalism Research**. Vol 9 - Número 2. 2013. Disponível em <https://bjr.sbpjour.org.br/bjr/article/view/577>. Acesso em mar 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 141 p.

GRADIM, Anabela. A televisão no seu labirinto. In: SERRA, Paulo; SÁ, Sónia & SOUZA FILHO, Washington. **A televisão ubíqua**. Covilhã: Livros LabCom Books, 2015. P. 69 a 81. 305 p. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/136#sthash.YeKXteFe.dpuf>. Acesso em Jan. 2021.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 349 p.

HEINRICH, Ansgard. **Network Journalism: Journalistic Practice in Interactive Spheres**. Londres: Routledge: 2011. 272 p.

LINS e SILVA, Carlos Eduardo. Pandemia dá ânimo ao jornalismo, mas acelera o fim de veículos. Insper. 02 de abr. de 2020. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/pandemia-do-coronavirus-daanimao-jornalismo-mas-acelera-o-fim-de-veiculos/>>.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010. 331 p.

MACHADO, Arlindo; VELÉZ, Marta Lucía. Fim da televisão? In: CARLÓN, Mario & FECHINE, Yvana. **O fim da televisão**. Rio de Janeiro/Recife: Confraria dos Ventos



Editora UFPE, 2014. 134 p.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. Salvador: PAS: Ianamá, 2000. 344 p.

PAVLIK, John. **Journalism and New Media**. New York: Columbia University Press. 2001. 272 p.

PAVLIK, John. **Media in the Digital Age**. New York: Columbia University Press, 2008. 347 p.

PICCININ, Fabiana. Tudo ao mesmo tempo e agora-: análise da cobertura de cotidiano no TV Folha. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v.10, p.416 - 430, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n2p416>. Acesso em fev 2021.

PICCININ, Fabiana. Jornalismo de televisão em sala de aula: dos desafios às novas possibilidades pedagógicas. In: DE AZEREDO SOSTER, D.; TONUS, M. (Orgs.). **Jornalismo-laboratório: televisão**. 1. ed., Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015. p. 19-38. 320 p.

PICCININ, Fabiana (a). **El telediario de la hipertelevisión** In: Herramientas digitales para comunicadores.1 ed. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2019, v.1, p. 89-95. 350 p. Disponível em http://www.gabineteeducacionyeducacion.com/sites/default/files/field/publicacion-adjuntos/herramientas_para_comunicadores_digitales.pdf. Acesso em mar 2021.

PICCININ, Fabiana (b). Cumplicidades entre mídia e audiência nas narrativas de “real” na ficção e no jornalismo. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 15–28, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.26056. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26056>. Acesso em: 1 abr. 2021.

PICCININ, Fabiana & BOZZETTO, Vagner. A grande reportagem longe das ruas: Rotinas e práticas para o telejornalismo em tempos de COVID-19. In: SBPJor. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. **Anais**. 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Goiânia, 2019. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2597/1586>. Acesso jan 2021.

PICCININ, Fabiana Quatrin; NEGRINI, Michele; ROOS, Roberta. Jornalismo na web e o redesenho do local na TV universitária In: **Telejornalismo Local: teorias e conceitos**. Florianópolis: Insular, 2019, v.8, p. 177-192. 280 p.

PICCININ, Fabiana & SOSTER, Demétrio de Azeredo. On the anatomy of mediatized news broadcasting: metamorphoses and multiple narratives. **Brazilian Journalism Research** (Online), v.8, p.118 - 134, 2012. Disponível <https://bjr.sbpjour.org.br/bjr/article/view/427>. Acesso fev 2021.



SALLAVERIA, Ramón; AVILÉS, José Alberto Garcia; MASIP, Pere. Concepto de convergencia periodística. GARCIA, Xosé Lopes Garcia & Xosé Pereira Fariña. In: Convergencia Digital. **Reconfiguración de Los Medios Em España**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010. P. 41-64. 340 p.

SCHOLES, Robert; KELLOGG, Robert L. **A natureza da narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977. 234 p.

SCOLARI, Carlos. This is the end: As intermináveis discussões sobre o fim da televisão. In: CARLÓN, Mario & FECHINE, Yvana. **O fim da televisão**. Rio de Janeiro/Recife: Confraria dos Ventos Editora UFPE, 2014. 134 p.

SILVA, Edna Lúcia da & MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SOUZA FILHO, Washington José. A influência da tecnologia na transformação da televisão no século XXI. In: SERRA, Paulo; SÁ, Sónia & SOUZA FILHO, Washington. **A televisão ubíqua**. Covilhã: Livros LabCom Books, 2015. p. 83-104. 305 p. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/136#sthash.YeKXteFe.dpuf>. Acesso Jan 2020.

TELLERÍA, Ana Serrano. Filosofía del Periodismo Transmedia: Ideales, Lógica y Valores. In: IRIGARAY, Fernando, GOSCIOLA, Vicente & PIÑERO-OTERO, Teresa(Orgs.). **Dimensões Transmídia**. Aveiro: Ria Editorial, 2019. 475 p. p. 261-287.

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana & REIS, Marco Aurélio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis? Insular, 2020. 334 p. p. 159-177.

TORRIJOS, José Luis Rojas. **“Jornalismo é cordão sanitário na pandemia”**, diz professor espanhol. Estado de Minas, 28 de jun. de 2020. Entrevista. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/28/interna_gerais.1160557/jornalismo-e-cordao-sanitario-na-pandemia-diz-professorespanhol.shtml. Acesso em jan 2021.

VIZEU, Alfredo. **A audiência presumida no jornalismo: o lado oculto do telejornalismo**. Insular, 2015. 144p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995. 247 p.

SITES:

AGÊNCIA BRASIL. Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa#:~:text=Atualizado%20em%2026%2F05%2F2020,a%20134%20milh%C3%B>



[5es%20de%20pessoas](#). Acesso fev 2021.

FACEBOOK. Jornal Nacional. <https://www.facebook.com/JornalNacional>. Acesso fev 2021.

G1. Grupo Globo bate recorde de acessos no digital e passa de 100 milhões de usuários únicos. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>. Acesso fev 2021.

G1. Segunda tela e streaming: como a inovação mudou o entretenimento. <https://g1.globo.com/especial-publicitario/inovacao/noticia/2020/03/10/segunda-tela-e-streaming-como-a-inovacao-mudou-o-entretenimento.ghtml>. Acesso fev 2021.

G1. Seja bem vindo à Globo. http://estatico.redeglobo.globo.com/2017/10/04/sobre_globo.pdf. Acesso fev 2021.

G1. Telejornais podem ser assistidos ao vivo pelo Portal G1. <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/videos/v/telejornais-podem-ser-assistidos-ao-vivo-pelo-portal-g1/7898483/>. Acesso fev 2021.

MERCADO E CONSUMO. Consumo de streaming é hábito diário para 43% dos brasileiros durante a pandemia. <https://mercadoeconsumo.com.br/2020/09/25/consumo-de-streaming-e-habito-diario-para-43-dos-brasileiros-durante-a-pandemia/>. Acesso fev 2021.

R7. Quinto mais visitado da América Latina, Portal R7 tem 138 milhões de acessos mensais. Disponível em <https://noticias.r7.com/bahia/quinto-mais-visitado-da-america-latina-portal-r7-tem-138-milhoes-de-acessos-mensais-31032018>. Acesso em mar 2020.

TV FOCO. Audiência 05/03: Jornal Nacional mostra poder, força e influência no Ibope com números distantes dos canais rivais <https://www.otvfoco.com.br/audiencia-da-tv-nesta-sexta-feira-dia-5-de-marco/>. Acesso em mar 2021.

TERRA. Em 2020, a TV ainda é mais influente do que a internet. <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/em-2020-a-tv-ainda-e-mais-influente-do-que-a-internet.d41a67c71563ca1cecea98db566fd53aby5tdndu.html>. Acesso fev 2021.

UOL. Telejornais da Globo perdem toda a audiência conquistada com a pandemia. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/telejornais-da-globo-perdem-toda-audiencia-conquistada-com-pandemia-40362>. Acesso fev 2021.

UOL. Jornal Nacional derrapa e marca menos audiência que Haja Coração. <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2021/01/22/jornal-nacional-derrapa-e-marca-menos-audiencia-que-haja-coracao-157444.php>. Acesso fev 2021.

